

EP 23 – Eliane Brum

Um dos meus livros favoritos, aqueles que moram em mim, é o “Bartleby, o escrivão”, que é do Melville. Tem mais ou menos uns 150 anos que o Melville escreveu este livro. E o Bartleby, ele me habita.

-

É um advogado, é um escritório de registro, registro público. E aí já tem três funcionários. Tem o dono, o chefe, e mais três funcionários. E esses três funcionários ele também descreve de forma maravilhosa. E nesse determinado momento, o trabalho aumenta, e aí é quando aparece o Bartleby. Então, o narrador é o chefe dele. O chefe que nunca conseguiu mandar nele, o que já é muito interessante. Aí, num determinado dia, o chefe dele chama ele para revisar o documento, para ajudá-lo a revisar o documento que ele copiou, e aí o Bartleby diz “prefiro não fazer”. E daquele dia em diante, o Bartleby só diz “prefiro não fazer”. E daí ele começa a não copiar mais, ele prefere não fazer. Ele leva à radicalidade a recusa a uma vida medíocre, ele leva à radicalidade a recusa em acreditar, em fazer de conta que uma vida medíocre é uma vida plena, ele leva à radicalidade a acreditar que uma vida de escravo é uma vida de liberto. A liberdade de obedecer, para o Bartleby, não é uma liberdade.

-

E na minha vida de repórter de “desacontecimentos”, a minha grande pergunta sempre é “como cada um inventa uma vida?”. Em geral, não e com tão pouco. Isso que eu acho extraordinário no humano. Porque a vida de cada um é sua primeira ficção, como você inventa uma vida? E nesse caminho eu já encontrei gente que leva essa ideia de inventar uma vida a uma radicalidade muito profunda, quase Bartlebys.

E ele, se a gente for pensar também, o que ele é? Ele é um copista, alguém que copia. Então ele também se recusa a ser cópia, ele se recusa a copiar vidas. A originalidade possível para ele é não copiar.

-

Como escritora eu me sinto habitada por todos os personagens que eu li e que ficaram em mim. E o Bartleby é um dos personagens que mais está colado em mim, quando eu digo colado é colado nos ossos mesmo, é colado dentro. E como eu também escutei como repórter, como jornalista, histórias durante quase trinta anos, essas pessoas que eu escutei, as que me marcaram, que me assinalaram, elas também estão dentro de mim. Eu sempre me sinto como... a gente é feito de células, mas eu me sinto vozes, eu me sinto que eu tenho talvez mais... tem tantas vozes dentro de mim, eu sou uma multidão. Por causa dos personagens reais e dos personagens da ficção, como o Bartleby, que são tão reais quanto.